

ver H.E. - Macabre - deputado

“Gonzaga de Sá dizia-me:

A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorpa, é a da aristocracia. Abre aí um jornaleco, desses de bonecos, e logo dás com uns clichês muito negros... Olha que ninguém quer ser negro no Brasil!... Dás com uns clichês muito negros encimados pelos títulos: Enlace Sousa e Fernandes, ou Enlace Costa e Alves. Julgas que se trata de grandes famílias nobres? Nada disso. São doutores arrivistas, que se casam muito naturalmente com filhas de portugueses enriquecidos. Eles descendem de fazendeiros arreventados, sem nenhuma nobreza e os avós da noiva ainda estão à rabiça do arado na velha gleba do Minho e doidos pelo caldo de unto à tarde. Sabes bem que não tenho superstição de raça, de cor, de sangue, de casta, de coisa alguma. Para mim só há indivíduos e eu, mais do que ninguém, pois descendo dos Sás que fundaram esta minha cidade, podia tê-las. Precisava, para me considerar nobre, que meus avós tivessem obedecido a todas as regras da nobreza. Eles se casaram em toda a parte, eles nunca se importaram com os seus forais, agora vou eu tola-mente gritar por aí, pela rua do Ouvidor: eu sou Sá, nobre, fidalgo, escudeiro, etc., pois descendo de Salvador de Sá, etc. Isto digo eu que sou Sá!... Agora imagina tu um Fernandes aí qualquer com tais prosápias! Uma instituição só é válida quando é mantida com as suas leis — os nobres aqui degradaram-se porque não respeitaram as regras da linhagem... Sabes bem o que quer dizer ‘degradar’ nos códigos de nobreza?”

(Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá)

A história não se completou porque duas semanas depois, o postulante Cara de Gato, morria repentinamente estraçalhado por um expresso de Paracandi, que o apanhara na travessia da linha, ali mesmo no Méier, pouco depois de desembarcar no subúrbio, ido da Pedro II.

“Uma força passava, era vaiada; se carregava sobre o povo, este dispersava-se, fragmentava-se, pulverizava-se, ficando um



Lima Barreto, caricatura de 1919.